

---

**Vik**

*Exposição da obra do fotógrafo Vik Muniz  
De 23 de janeiro a 22 de março de 2009  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro  
Tatiana Xerez\**

---

Transformação é a palavra que costura toda a exposição e o trabalho do artista Vik Muniz. Maior mostra já dedicada ao artista, após passar por Estados Unidos, Canadá e México, o evento chegou ao Brasil, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com um material que perpassa toda a carreira do brasileiro.

Com uma coleção que resume praticamente toda a obra do artista, é possível perceber as transformações pelas quais o autor passou. Ao longo da observação de cada produção, a metamorfose se faz presente e explícita. Cada traço, cada montagem, cada ideia podem ser sentidos através do elemento transformador que compõe cada trabalho de Vik Muniz.

Partindo de sinopses que informam sobre a trajetória do artista desde a sua primeira ida, em 1983, aos Estados Unidos, onde vive até hoje, é possível viajar pela carreira de Muniz e acompanhar sua produção até os tempos atuais, começando pela série de fotografias “O Melhor da Life” (1988-1990), em que o brasileiro reproduz fotografias publicadas na famosa revista estadunidense, através apenas do que havia guardado em sua memória e de desenhos. Ao fotografar os esboços, apesar de distantes da perfeição, percebeu que as representações eram reconhecidas pelos receptores, iniciando assim um trabalho de toda uma vida que, embora criativo, está sempre na fronteira entre o real e o que imaginamos e temos em nossas mentes.

Assim, a partir de experiências com o que já existe, trabalhando com o que o mundo lhe deu, Vik Muniz construiu sua carreira. E se em um trabalho passou de desenhista a fotógrafo, não demorou muito para que se aventurasse logo por outros caminhos. Em “Indivíduos”, série que começou a ser produzida em 1992, a partir de um único bloco de plastilina branca, o artista fabrica 52 esculturas diferentes e as eterniza a partir de fotografias. Assim, conseguiu versatilidade, economia e ângulos, iluminação e exposição ideais.

---

\*Tatiana Xerez é mestrandia do Programa em Ciência da Arte da Universidade Federal Fluminense

Em “Equivalentes”, de 1993, Vik transpõe o fator transformação ao receptor de sua obra. Utilizando pedaços de algodão, e fazendo referência à obra do fotógrafo estadunidense do início do século 20, Alfred Stieglitz, o brasileiro reproduz diferentes formatos. As fotos podem ser vistas como algodão, nuvens ou simples objetos.

A partir de então, Vik começa a trabalhar com materiais que ele chama de “maus-atores”. Em “Imagens de Arame” e “Imagens de Linha”, ambas de 1994, ele descobre um meio de expor a diversidade que pode ter uma fotografia, apesar de sua semelhança tão evidente com o mundo que se vê. Muniz encontra nessas imagens toda a multiplicidade libertária característica da contemporaneidade. São imagens que podem dar margem a leituras diferentes: como material e como imagem. Segundo o próprio artista, os materiais com os quais ele escolhe trabalhar não podem ser perdidos de vista, diferentemente de um lápis, que reproduz uma imagem com fidelidade e só é pensado e entendido como meio utilizado.

Desde este momento Vik Muniz passa a manter a transformação de materiais cotidianos e simples como meio de produção de suas fotografias, deixando sempre margem a leituras diversas e valorizando o meio e o processo de produção de uma obra de arte. Em “Crianças de Açúcar” (1996), “Imagens de Terra” (1997), “Imagens de Chocolate” (1997), “O Depois” (1998), “A Partir de Warhol” (1999), “Imagens de Tinta” (2000), “Imagens de Poeira” (2000), “Imagens de Ar” (2000), “Imagens de Nuvens” (2001), “Imagens de Cores” (2002), “Cárceres” (2002), “Mônadas” (2003), “Rebus” (2003), “Imagens de Revistas” (2003), “Imagens de Diamantes e Imagens de Caviar” (2004), “Montinhos” (2005), “Imagens de Sucata” (2006), “Imagens de Pigmento” (2006), “Imagens de Papel” (2008), “Imagens de Lixo” (2008) e “Quebra-Cabeças” (2008), todas presentes na exposição, apesar das diferentes motivações e momentos, o trabalho segue no mesmo caminho, valorizando o desenvolvimento, respeitando elementos existentes e mantendo a fotografia como arte que representa o mundo, elevando-a à posição de potência subjetivadora do olhar humano e exercitando-o. Até seu auto-retrato, que ilustrou os cartazes da exposição e faz parte da série “Imagens de Revistas”, obedece à regra. Ele foi feito com pedacinhos redondos de papel produzidos a partir de um furador mecânico.

Por trás da valorização do meio como um protagonista dentro da obra, em cada um de seus trabalhos, Vik Muniz demonstra que o ambiente real e o que acontece à sua volta também permeiam sua produção. Assim, o autor deixa evidente o porquê da imprescindível utilização

da fotografia como forma de representar o que se vê e mostra a importância da mensagem, também digna de protagonizar a obra. Desde “Crianças de Açúcar”, de 1996, ao utilizar açúcar para reproduzir uma série de fotografias de crianças criadas por plantadores de cana, tiradas durante uma temporada de férias no Caribe, Muniz tende a optar por materiais que remetam à mensagem, criando um vínculo ainda maior desta com o meio. Em “Mônadas”, por exemplo, trabalho de 2003, Muniz escolheu soldadinhos de plástico para alertar sobre o recrutamento de crianças como soldados na Namíbia, na Costa do Marfim e no Iraque. Em trabalho mais recente, “Imagens de Lixo”, de 2008, o brasileiro retrata catadores de lixo com seus próprios montantes de lixo recolhidos ao longo de longas jornadas de trabalho. A partir de trabalhos como estes, Vik também inverte papéis no mundo das artes. Escultura, pintura e desenho viram réplicas de fotografia, e esta, por sua vez, vira réplica da réplica.

Ao se utilizar de materiais perecíveis como em “Imagens de Chocolate” (1997), e sobretudo em “A Partir de Warhol”, trabalho de 1999, e em “Imagens de Diamantes e Imagens de Caviar”, de 2004, Vik chama a atenção para uma questão de primeira ordem no âmbito das artes: a transitoriedade das coisas. Inspirado no trabalho de Andy Warhol, ícone da *Pop art*, o artista brasileiro justifica a documentação das coisas mundanas e perecíveis, com materiais cujas propriedades descartáveis são as mesmas: chocolate, caviar, macarrão, manteiga de amendoim, geléia, que também sugerem uma transposição da visão ao paladar, remetendo à antropofagia e ao engolimento do presente pelo futuro simultâneos.

Outra questão visível ao longo de toda a carreira do brasileiro é a da obrigatoriedade do exercício do olhar. Através da exploração do subconsciente e da memória de vida do espectador, Vik Muniz explora a visão como elemento cognitivo com possibilidades diversas, muitas vezes optando pela ilusão, conseguida através da fotografia, para o exercício do sentido. É o caso de “Imagens de Earthworks”, de 2002. Neste trabalho o artista criou duas levas de impressões sobre a Terra. Uma consistia em desenhos de utensílios domésticos medindo de 120 a 180 metros, gravados no solo de uma mina, utilizando uma escavadeira, e fotografados a partir de um helicóptero. Usando a mesma câmera, ele fez a segunda leva, medindo não mais que 30 centímetros. Em seguida, Muniz imprimiu as imagens no mesmo tamanho, tornando difícil definir qual a primeira e qual a segunda leva, mostrando ser imprescindível a participação do espectador em sua obra.

Mais adiante em sua carreira, Vik também entra em conflito com questões atuais mais universais. Em “Imagens de Cores”, de 2002, ele evoca os *pixels* das imagens, que mudaram a fotografia já no final do século 20. Usando papéis coloridos, ele ressalta o efeito pixelado da imagem até o ponto em que ainda pode ser reconhecida como tal. Outro exemplo, apesar da diversa motivação, é “Imagens de Sucata”, de 2006, em que o artista trabalha a natureza dos materiais descartados pelo ser humano e seu efeito sobre um futuro global.

Acima de tudo, Vik Muniz é um artista que se transforma através do mundo e que transforma o mundo que enxerga através da sua arte. Quando ele diz que interpretar é reciclar superfícies compulsivamente, é isso que está fazendo. Vik, a exposição, consegue transmitir essa mensagem ao público. O brasileiro é um artista que consegue transformar e construir e retransformar-se e reconstruir-se, a partir do que parece nada. Em um momento delicado em escala mundial, a obra de Vik Muniz aponta para uma diretriz mais que importante, essencial. Saber aproveitar o que se tem é questão de sobrevivência. Até mesmo nas artes.